

A experiência como questão filosófica

Experience as philosophical question

Prof. Dr. Écio Elvís Pisetta

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO¹

RESUMO

O trabalho investiga a essência da experiência em oposição à sua compreensão comum ou mesmo erudita. Deseja, com isso, dar-lhe atenção como questão filosófica e aprimorar nosso entendimento acerca do pensamento. A experiência mostra a vida humana a partir do ponto de vista de seu exercício irremissível e finito. Esta perspectiva diverge dos aspectos universais com os quais nos acostumamos. Por fim, depois de apresentar a experiência como exercício e perigo de ser, indagamos brevemente pela teoria que lhe compete e pela possibilidade de seu aprendizado e ensino. O ponto de vista da experiência artesanal orientará nossa empreitada.

148

PALAVRAS-CHAVE

Experiência; Artesanato; Vida; Compreensão; Harada

ABSTRACT

The work investigates the essence of the experience as opposed to its common or even erudite understanding. With this, he wishes to give it attention as a philosophical question and to refine our understanding of thought. The experience shows human life from the point of view of its exercise, as irremissible and finite. This perspective differs from the universal aspects to which we get used. Finally, after presenting the experience as an exercise and danger of being, we asked briefly about the theory that belongs to it and the possibility of his learning and teaching. The point of view of crafting experience will guide our endeavor.

KEYWORDS

Experience; Craft; Life; Understanding; Harada

INTRODUÇÃO

¹ E-mail: ecio.pisetta@unirio.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1735-6893>

Questão é aquilo que me afeiçoa a uma busca por e para ser, por que é exatamente o que atinge no âmago do meu ser. Uma questão assim é sempre a mesma. Somente ela se manifesta em vários problemas. (HARADA, 2018, p. 163)

As investigações acerca da experiência, com sentidos e propósitos diversos, sempre ocuparam o pensamento. De nossa parte, cativou-nos há muito tempo uma publicação de Hermógenes Harada intitulada *Da experiência*. Nela encontramos, logo no início, uma poesia chinesa, de Chuang Tzu, *O Duque de Hwan e o fabricante de rodas*. (HARADA, 2006, p. 44; MERTON, 1969, p. 108-110)² Harada ocupou-se desta poesia. Nós, entre desvios e envios, desejamos também aprender algo dela. O artesão posiciona-se a partir da experiência. O modo de ser da experiência é reclamado para que a vida ela mesma se mostre.

Nosso propósito é o de investigar a vida humana como experiência e fazer desta questão de pensamento. Em tal empreitada e na contramão da reflexão corriqueira nosso comportamento teórico afirmará e confirmará a prática – a ação ou atividade – contra toda teoria genérica e abstrata. Negativamente, será uma reflexão que se projeta contra si mesma. A experiência, que nos convida à observação do aspecto ativo e atido da vida, nos pede compreensão singular. Compreender não é o mesmo que definir ou conceituar em sentido corriqueiro. Compreendendo, mais silenciamos e ouvimos do que falamos. A compreensão assemelha-se à atitude da espera. Dela se distanciam as definições e conceitos que, por serem úteis, já abdicaram da espera. Assim, a compreensão da experiência, aqui ensaiada, não pertence ao jogo de planejamento e execução. Não visa resultados em detrimento da compreensão. A questão da experiência não é nada de funcional.

De pronto nos lançamos em dificuldades. Uma delas é a confusão nascida entre teoria e prática quando as descrevemos como dotadas de características opostas. Nesse viés, facilmente conferimos à experiência prática cotidiana uma sabedoria automática herdada da série de vivências exitosas ou falidas da vida de algum indivíduo. Ganhamos pouco quando obedecemos a esta linha de pensamento porque

² Eis a poesia: “O duque Hwan, de Khi, / O primeiro da dinastia, / Sentou-se sob o pátio, / Lendo filosofia; / E Phien, o carpinteiro de rodas, / Estava fora, no pátio, / Fabricando uma roda. / Phien pôs de lado / O martelo e a entalhadeira, / Subiu os degraus, / Disse ao duque Hwan: / ‘Permiti-me perguntar-vos, Senhor, / O que estais lendo?’ Disse-lhe o duque: / ‘Os peritos. As autoridades.’ / E Phien perguntou-lhe: / ‘Vivos ou mortos?’ / ‘Mortos há muito tempo’. / ‘Então’, disse o fabricante de rodas, / ‘Estais lendo apenas o pó que deixaram para trás’. / Respondeu o duque: ‘O que sabes a seu respeito? / És apenas um fabricante de rodas. / Seria melhor que me desses uma boa explicação, / Senão morrerás’. / Disse o fabricante: / ‘Vamos olhar o assunto / Do meu ponto de vista. / Quando fabrico rodas, / Se vou com calma, elas caem, / Se vou com violência, elas não se ajustam. / Se não vou nem com calma nem com violência, / Elas se adaptam bem. / O trabalho é aquilo que eu quero que ele seja. / Isto não podeis transpor em palavras: Tendes apenas de saber como se faz. / Nem mesmo posso dizer a meu filho exatamente como é feito, / E o meu filho não pode aprender de mim. / Então, aqui estou, com setenta anos, / Fabricando rodas, ainda! / Os homens antigos / Levaram tudo o que sabiam / Para o túmulo. / E assim, Senhor, o que ledes / É apenas o pó que deixaram atrás de si’”. As referências a esta poesia encontram-se entre aspas sem remissão às páginas originais.

assume a experiência como autoridade que suspeita de toda reflexão ou que transforma a reflexão em algo excessivamente intelectual, reativo e distante da prática. A teoria e a prática, assim, se retraem em suas experiências próprias de ser. A essência da experiência é de outra ordem. O ponto de vista do artesão nos conduz a outro caminho. Nosso esquema: 1. A unidade da experiência; 2. A experiência como aumento do vigor de ser; 3. O espaço e o tempo da experiência; 4. O ensino da experiência como aprendizado; 5. Considerações finais: experiência e filosofia.

1 UNIDADE DA EXPERIÊNCIA

O que nos vem à mente quando falamos de experiência? Focamos, de imediato, algo de objetivo ou subjetivo, com o que lidamos. Temos uma ideia da experiência quando percebemos que sempre nos encontramos lidando com as coisas mais diversas, de forma mais ou menos profissional, com os outros, nas múltiplas interações que compõem o jogo social e, ainda, conosco mesmos, moldando nossa identidade ou subjetividade. Materialidade, sociabilidade e identidade destacam-se a cada vez segundo as relações em curso. São experiências. Unidade e diversidade se apresentam a cada vez, como num jogo. Em seu percurso ou a partir de determinada ação ou lida descobrimos os entes envolvidos em suas diferenciações. Temos então uma imagem da experiência como lida ou atividade que é simultaneamente reunião, unidade e diferenciação. Pois é a partir de uma atividade que algo é “útil”, que alguém é “zagueiro”, que a ideia é “compreendida” ou que um objeto ocupa lugar num museu. No entanto, não nos parece semelhante descrição genérica demais?

150

De fato. A unidade representada pelas diversas experiências de ser não se dá como ideia abstrata descolada das coisas. Ela detém algo de insistentemente prático. A unidade realiza-se como experiência efetiva onde as coisas mais diversas, os seres humanos em geral, e a compreensão que cada um adquire de si mesmo, apresentam-se simultaneamente num contexto prático e finito. Mas não é fácil observar este fenômeno. Nossa atenção é prisioneira do que é genérico. Falta-nos aprendizado. Cotidianamente, acatamos em nossa linguagem a presença de algo – coisa, outro, o si mesmo – por meio de conceitos genéricos ou universais. Por meio deles a gente faz, pensa, planeja, ambiciona, se ofende, se diverte ou se entristece etc., como todo mundo, sem mais exigências. Esta postura teórica e prática corriqueira desvia-nos continuamente do que é essencial, da experiência efetiva com as coisas, à medida que dela não faz questão. Por certo, ocupar-se de generalizações é ainda ocupar-se. Mas na generalização perdemos algo que chamamos de vital, termo ainda vago. Pois nos empenhamos como todo mundo e, a rigor, trata-se do empenho de ninguém. A ação uniforme ou genérica tem efeito contrário em relação àquilo que chamamos de experiência. É atividade encobridora à medida que afirma o genérico e universal ou o ser das coisas como já acabados para todos. Dessa forma, retira-nos da tarefa de nos responsabilizarmos por nossa própria existência. De início a unidade de cada experiência se confunde com a generalidade. No entanto, como podemos alcançar a experiência como unificadora e diferenciadora?

De certa forma nunca precisamos ir até ela, pois ela sempre já nos atingiu em toda atividade que exercemos. Como assim? Não estamos acostumados a esta espécie de investigação. Estamos destreinados e precisamos longamente educar nosso olhar viciado em generalidades. Se lembrarmos da poesia de Chuang Tzu, encontraremos o duque lendo de modo inadequado, isto é, detendo uma postura teórica que o desvia continuamente do essencial. O duque assemelha-se a nós, distanciados da experiência própria, lendo filosofia. Mas algo de essencial ali permanece, oculto ou encoberto.

O essencial está como que “diluído” no corriqueiro e genérico. Ali permanece, enquanto possibilidade encoberta. Abstrair e generalizar³, procedimentos os mais frequentes e úteis, correspondem a atividades encobridoras. Podemos seguir com a vida sem nos preocuparmos. Mas a vida humana não se explica suficientemente pelas generalidades. Embora tenhamos sempre conceitos e regras à disposição para enfrentarmos as surpresas mais adversas, ainda assim algo de vital nos aguarda em alguma esquina. Fuga e desvio são os comportamentos frequentes. No entanto, a pergunta acerca *do que* nos desviamos pode nos surpreender. Afinal, o que tememos? Esta pergunta nos joga na contradição que é nossa própria vida, calcanhar de Aquiles do pensamento cotidiano: na generalização vivemos, mas é isto viver?

Na tentativa de uma resposta acerca do que significa a vida humana abordamos a experiência como algo que se distancia do genérico. Trata-se de unidade que se mostra e deve ser vista somente a partir dela mesma.

Só se alcança o cume da montanha em sua unicidade quando a escalamos percorrendo um ‘caminho’. Quem não trilhou o caminho da apropriação interior não alcança o cume em sua unicidade. Quem chega lá transportado por teleférico ou de helicóptero pousa noutro cume, não no único. (ROMBACH, 2010, p. 119)

O filósofo nos indica que a experiência enquanto algo comum não se confunde com a vazia generalidade, que é a “experiência de ninguém”, onde o caminho foi transferido para outrem. A experiência, a partir de si mesma, é percurso singular, próprio e intransferível. Quando desdenhamos deste caráter único e diferenciador da experiência perdemos a sintonia com a caminhada da vida. Vemos a vida como ela não é, isto é, de fora do empenho que a caracteriza. Se assim o fizermos, “não estamos representando a vida [a experiência] como se ela fosse uma coisa, algo como um queijo espiritual, cujas partes estão uma fora da outra?”. (HARADA, 1974, p. 4)

A partir da própria experiência, a partir dela mesma... Precisamos, então, esclarecer melhor o que entendemos por experiência.

2 EXPERIÊNCIA COMO AUMENTO DO VIGOR DE SER

³ Usamos estes verbos apenas em seu sentido corriqueiro e impensado.

Não nos furtaremos de uma “definição” de experiência. No entanto, é decisivo sua descrição e compreensão. “Que a experiência é só experiência na medida em que o fazer, o poder, o saber da existência obedece e acolhe o ditado da autoridade, isto é, do aumento do vigor de ser”. (HARADA, 2006, p. 45) A experiência fala de um aumento do vigor de ser. Este é compreendido quando temos em mente nossas ocupações mais sérias. Nosso livro preferido não é qualquer um. E o mesmo ocorre com nossos amigos. A experiência, então, nos remete para a escuta ou obediência de uma autoridade. Esta se impõe porque está assentada num aumento do vigor de ser. Não se confunde com nenhuma autoridade genérica e exterior. A experiência é como a mão: acolhe, agarrando firmemente, e usando. Na insistência típica da lida – experimentando – cada coisa vem a ser o que é segundo suas possibilidades próprias. Nas generalizações corriqueiras, as coisas hibernam numa indiferenciação. Na lida, quanto mais se exercita, “mais ser desperta”. É no cultivo da amizade que o amigo nos vem ao encontro e nos alegra com sua presença insubstituível. Vemos, então, algo que nasce e se mostra a partir da execução, no empenho, no exercício, no ensaio, no teste. Isto corresponde à vida como experiência de ser.

O aumento do vigor de ser pode ser descrito como uma aproximação: a distância em relação àquilo que nos importa é distinta da distância em relação àquilo que não nos diz respeito. Mas, como algo pode chegar a habitar nesta proximidade? Já o dissemos. Se os aspectos genéricos colaboram para um afastamento e perda do vigor de ser, a experiência é responsável por um aumento, diferenciação, aproximação e participação. A vida nunca é algo de indiferente, pelo menos quando a consideramos como pulsando em nossas mínimas ações. Existe alguma fórmula de como se deva viver a vida? Em havendo, o caso é que o vivente deverá pôr-a a prova. A vida de cada um é assim puro teste ou ensaio de ser, nem antes nem depois. A fórmula será como um delírio ou uma ilusão, deveras útil, mas enganadora. O ser humano não nasce com manual.

Entretanto, há algo a mais que sempre acontece neste empenho e que deve ser frisado. A experiência que, sendo, reúne uma diversidade de entes sob o jugo de um empenho, não os reúne de forma genérica. Os entes não estão dispostos num espaço indiferenciado. Na experiência o ser humano encontra os entes segundo suas possibilidades de ser, ou seja, numa proximidade. Novamente, se trata de uma proximidade de sentido, onde o longe e o perto se medem a partir da instalação do vigor de ser propiciada pela experiência. O ente é particularizado diferenciando-se de todo outro elemento ou alteridade. Experimentando, apropriamo-nos dos entes segundo as possibilidades de cada atividade em curso. O ente é descoberto num mundo de sentido distinto das generalizações, como incomparável ou único, e não como um caso em meio a muitos assemelhados. Podemos imaginar o artesão em seu ofício. Martelo, pregos, entalhadeira, pedaços de madeira etc., estão à mão, isto é, têm vigor de ser distinto do pálio onde está o duque e do livro de filosofia que este lê. Experimentando, mundo vem a ser como nenhum outro. No empenho que diferencia e singulariza a vida se desdobra, sendo esta e aquela, sendo determinações, sendo a de cada ser humano a cada vez. Ora, a experiência acolhe tudo de maneira assemelhada ao ventre materno que se responsabiliza pela vida deixando-a ser o que

pode ser. Acolher não é amontoar ou organizar as coisas como quem guarda tudo em armário a chaves. A acolhida da experiência – e da vida – se dá no exercício e uso. É na *firmeza da mão* que o martelo e seu entorno encontram guarida, ou seja, vigor. E neste usufruto há aumento de ser, não perda, o que destoa do pensamento comum. Diferenciação pertence ao jogo de sentido próprio da experiência. É crucial que se observe as coisas a partir deste enfoque. É no uso, por exemplo, que a faca ganha e aprimora seu fio. A vida humana e tudo que lhe pertence vem a ser o que pode ser a partir da experiência. A experiência enquanto fenômeno unitário é inacessível a qualquer espécie de padronização na medida em que esta muito se empenha no desvio de si. No exercício de ser da experiência, quanto mais particular, “mais universal” e vice-versa. “O vital é o concreto, o incomparável, o único. A vida é o individual”. (ORTEGA Y GASSET, 2002, p. 38)

Mas, o que vigor de ser tem a ver com autoridade? Em parte já o compreendemos. Trata-se da autoridade da experiência, fundada no aumento do vigor de ser, gênese de diferença e identidade. Na decisão pela experiência mostra-se conflito com a tradição, como a tensão entre a perspectiva do artesão e a do duque.

A essência da vida somente pode efetivar-se, de um jeito ou de outro, na vida que somente o vivente pode viver. Qualquer saber acerca de uma vida geral, por mais útil que seja, deve ser visto com suspeita. Pois a vida é sempre a de cada um. Nesse sentido enveredamos por uma compreensão da essência das coisas distinta daquela da tradição filosófica, da *quidditas*, onde se busca o núcleo do ser como o gênero comum que é sempre o mesmo. Por certo, estamos a lidar com uma tendência típica da filosofia acadêmica, o que não significa que seja válida para todos os casos. Podemos interpretar esta compreensão como dispendo previamente de um conceito de ser que, como uma lupa, serve para avaliar todos os entes segundo graus ou distâncias em relação a si: como a de um observador que olha a fotografia de um alpinista, sentando no topo da montanha, admirando toda a paisagem. Ignora o percurso sofrido que antecedeu ao resultado. Partindo do resultado o observador tudo avalia. O problema não está na observação e avaliação levada a cabo. O problema está na ignorância do percurso e de seu sentido o que compromete a avaliação. A paisagem não é a mesma para quem fez o percurso rumo ao topo da montanha e para quem lá chegou de helicóptero: este repousa na montanha genérica, a montanha de ninguém; aquele, na única. E onde se assenta o pensamento que pesa estes momentos? Assim, o modo de observação – a quiddidade – não é suscitado. O pensamento genérico assemelha-se a algo essencialmente desviante do que devém. Não faz a experiência do pensamento. O vigor de ser permanece impensado ou sem sentido na universalidade genérica. Vemos a advertência do artesão ao duque: o que lês é o pó que os antigos sábios deixaram para trás.

A aposta pela experiência se mostra plausível quando nosso pensamento recua em relação à tradição, ou melhor, quando salta. Não se pode partir do pensamento genérico e, a partir dele, alcançar o âmbito do particular propiciado pela experiência. É preciso então saltar para outra dimensão de sentido e submeter-se a outra paisagem. “Quando a gente anda sempre em frente, não pode mesmo ir longe...”

(SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 18) Nossa empreitada lê a essência como experiência, como possibilidade ou projeto em aberto, que se decide no teste e ensaio. Referindo-se às dificuldades do conceito tradicional de ser para pensar a essência da técnica, pergunta Heidegger: “Todo vigente dura. Mas será mesmo que só é duradouro o que perdura e permanece?”. (HEIDEGGER, 2002, p. 33) Há algo de duradouro naquilo que não perdura e nem permanece? De que espécie será? De que duração fala o artesão? Por certo, não da duração de algo que permanece sempre o mesmo. Sua duração é a da finitude. Esta perdura enquanto dura o curso de uma atividade. O discurso do artesão é medido a partir da experiência que perdura na fala sintonizada. Sua fala produz “conceitos” que se referem ao particular e não ao universal genérico. Conceitos que apenas podem ser compreendidos a partir da experiência. Aqui nenhuma explicação é suficiente. É preciso compreensão, esta teoria que pode avaliar as coisas a partir da experiência.

Quando o artesão da poesia chinesa se ocupa da fabricação das rodas, não pode ir nem com calma nem com violência, mas da maneira adequada para que elas se adaptem e fiquem do jeito desejado. Para que elas sejam como ele quer que elas sejam. Que significa esta adequação? Aqui não fala o subjetivismo. O artesão mede seu discurso a partir da experiência como quem é dela nascido. Seu desejo corresponde ao desejo da experiência. Assim, não acontece algo como uma diminuição do desejo já que ele se realizaria no produto, na roda. Ao contrário. Há aumento de ser nesta sintonia: roda e artesão vêm a ser em seu poder ser. Pois a experiência deixando ser, particulariza. Por isso, também, o jeito desejado apresenta-se como sendo a partir de si mesmas e não segundo um plano universal. Nenhuma generalidade detém este saber. Um mestre pode indicar ou sugerir algo ao aprendiz, mas não pode dizer exatamente como se faz. Há exatidão ou jeito que pertence exclusivamente à experiência. A ação, o fazer, é responsabilidade de quem faz. Para que a maneira adequada de ajeitar as coisas aconteça, é necessário que o artesão não compreenda as rodas e a si mesmo genericamente e que se abandone atentamente e ativamente ao jugo da experiência. “O trabalho é aquilo que eu quero que ele seja”, diz o experiente artesão. A roda vem a ser a partir de si mesma e não como um exemplar ou amostra entre tantas.

De modo diverso acontece a leitura sob o pálio. Detendo-se sobre a palavra de autoridades mortas, o duque lê o pó que deixaram. Pois essa leitura habita ainda a indiferença, é genérica. As palavras não são aquilo que ele quer que elas sejam. São dos outros, são pó. Há desarmonia. O duque ainda não lê a partir de si, isto é, não “sabe” ler. Consequentemente, ainda não há aumento do vigor de ser. As palavras, os conceitos e os preceitos que lê são destituídos de algo vital, o nascimento do leitor exigido pela experiência da leitura ou, por outra, a seriedade prática que caracteriza o aprendizado de leitura. Ele lê como quem passa o tempo e espanta provisoriamente o tédio.

Justificamos ainda mais nossa interpretação recordando a etimologia do termo “experiência”: “*Experior, -rtus sum, -iri* (experimental); *periculum* (perigo, tentativa); *per* (através, para além, por sobre) possuem a mesma raiz”. (HARADA, 2006, p. 59) Experimentando, nos afinamos ou sensibilizamos para o que é essencial. O essencial

se mostra na e como experiência, o que dá muito o que falar. Nela há aumento do vigor de ser. Lendo, leitor e palavra viva convivem; fazendo, as rodas alcançam o desejado equilíbrio. Nenhuma regra ou orientação exime o agente deste percurso. A experiência lança o agente no aspecto irremissível de si mesmo. Ela pode ser descrita, por um lado, como meio e, por outro, simultaneamente, como fim. Fecha-se em seu próprio círculo. Por isso seu acesso sempre exigirá um recuo ou um salto em relação à ideia comum que a representa como meio para a obtenção de certos resultados. O duque veio a ser o que é por meio da experiência (fim-meio). Acordar para a experiência, portanto, é acordar para a sua e vital possibilidade de ser, isto é, responsabilizar-se por seu ser em determinada atividade. É isto que falta ao duque? Curiosamente lhe falta o assentimento em relação ao que é primário na vida e na experiência: que vida e experiência são, constitutivamente, algo de perigoso. Nada é seguro e não há nisso equívoco algum. Esta alusão nos remete a uma passagem de Ortega y Gasset em seu livro *O homem e os outros*:

O perigoso não é necessariamente mau e adverso; pode ser o contrário: benéfico e venturoso. Mas, enquanto perigoso, ambas as contingências opostas são igualmente possíveis. Para sair da dúvida é preciso prová-lo, testá-lo, tateá-lo, experimentá-lo. Isso – prova, teste – é o que primeiro significou o vocábulo latino *periculum*, donde vem por dissimilação o nosso *perigo*. Notem de passagem que o radical *per* de *periculum* é o mesmo que anima a palavra *ex-perimentar*, *ex-periência*, *ex-perto*, *per-ito*. Não há tempo para mostrar, por rigorosa via etimológica, que o sentido originário do vocábulo ‘experiências’ é ter passado perigos. (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 190)

3 O ESPAÇO E O TEMPO DA EXPERIÊNCIA

A unidade da experiência admite a possibilidade (multiplicidade) e distancia-se de uma generalização. De certa forma, os elementos genéricos e abstratos são apropriados e metamorfoseados pelo que lhe faz frente, como um exército que se afirma sobre o inimigo pela vitória, ou como os materiais diversos são assumidos, explorados e enformados por determinada arte. A experiência é mobilidade. Organizar, determinar, enformar, dominar, etc., pertencem a esta atividade de superação constante do que, de alguma forma, está disponível. Por meio da experiência nos apropriamos de algo dado, como o artesão acolhe o material disponível e “adequado”, e nos lançamos então para algum resultado possível. O dado e o possível, o antes e o depois, pertencem à duração da experiência. A passagem de uma experiência à outra – alteração – dá-se também como num salto, já que a lógica de uma não equivale à de outra. Assim igualmente o dizer e o pensar. O fato de que sempre encontramos após algum processo criativo um novo resultado – estátua, roda, livro com as doutrinas dos sábios, conceitos, etc. – não nos deve desviar da curiosa situação de que a vida como experiência acontece *entre* a matéria e a forma, entre a pedra e a estátua, entre o ser e o devir, etc. De tal forma que há algo

de secundário nos momentos antagônicos. De forma geral, não há como desejar que de uma atividade não resulte algo. E não há como desejar, também, que uma atividade não inicie de algum ponto. Por outro lado, a experiência não pode ser medida por resultados genéricos. Da mesma forma o pensamento deve aprender a ver a partir da experiência e ele próprio assumir-se como experiência para avaliar ou medir adequadamente as coisas. Nem o ponto de partida e nem o ponto de uma possível chegada se destacam. É sempre o caminho, o modo ou o jeito, o verbo, o “entre” – espaço e tempo da experiência – o que verdadeiramente importa. É a partir da autoridade deste percurso que fala o artesão.

Colabora com nossa leitura o pensamento ocidental europeu, como se vê. Observemos o duque e o artesão. O duque é representado como escravo de suas conquistas, de sua função política, de sua boa vida e de sua erudição. O artesão, servo do duque, lhe deve obediência e submissão. Portanto, nada tem: nem comando, nem boa vida, nem erudição. Mistura-se a seu ser o seu afazer, sua habilidade na fabricação de rodas. Por outro lado, a habilidade que o define não oferece nem certeza nem segurança. Pode-se dizer que ela é coisa nenhuma, já que não pode ser medida por meio de um catálogo de regras fixas e que, por isso, também não pode ensiná-la com exatidão. O artesão – seu dizer e seu fazer – é só experiência. Mas a experiência não é sua propriedade, antes a condição de seu ser. Ela o sujeita e forma. Neste sentido é irrelevante o fato de que os frutos de seu trabalho pertencem ao duque. A experiência tem em seu poder a possibilidade de retirar o duque das ilusões e enganos que o dominam quando lê o pó dos antigos. Mas ele não sabe.

Nossa leitura nos mostra que a experiência (a) forma um e outro – antagônicos – de várias maneiras, numa relação de mando e obediência: Duque e artesão; nobre e servo; ocioso e trabalhador; teoria e prática, etc. Os extremos se excluem mutuamente porque as possibilidades de comando e de obediência estão normatizadas. Por isso é algo de evidente a cadeia de mando e de submissão. No entanto, o artesão ousadamente dirige-se ao duque inquirindo acerca de sua ocupação. Há algo de decisivo neste comportamento, pois não foi o duque que o iniciou e, normalmente, ninguém o faria. Assim, entra em jogo outra compreensão de mando e obediência. É o primado da experiência que detém a coragem de questionar. Ela convoca tudo para o princípio. Nesse sentido, (b) a experiência precede esta dualidade e oposição entre o duque e o artesão: porque seu esquecimento cria ou constrói a dualidade à medida que afasta e desvia do que é essencial; porque sua memória se insere em toda a realidade pedindo-lhe contas e, conseqüentemente, causando um despertar. Foi desta forma que o duque sentiu-se ofendido e desafiado. E ameaçou de morte, caso não fosse bem atendido. Exigiu explicações que, a bem dizer, nada explicam, mas convocam a um novo sentido. O certo é que se dispôs a ouvir. É significativo (c) que a partir deste ponto o duque silencia. E também silencia o artesão como um “profissional do duque”. Quem assume o discurso é a fala da experiência. Ela se mostra a partir dela mesma com a autoridade que lhe é peculiar. Não admite contestação. Seu convite possui algo de irrefutável, irrecusável e evidente. As frases do artesão de rodas revelam, à sua maneira, a estrutura da vida ao duque. Parece-nos

que, neste sentido, duque e artesão são imagens da efetividade e da possibilidade da experiência, isto é, o duque é capaz de ouvir (obedecer) o artesão. O duque desperta (silencia) quando, ouvindo, se remete ao começo, quando se põe nas mãos da experiência que o encaminha para a situação efetiva em que se encontra, no caso, lendo. A partir da sincronicidade de mando e obediência, duque e artesão falam da unidade da experiência. Assim, bate na consciência do duque o primado da experiência esquecida. O duque é chamado a ler de modo diverso, isto é, a buscar o que moveu a palavra dos sábios. Faz assim da leitura um problema para si mesmo. E assim há uma conversão da leitura em vida. Ler é (também) viver. O que moveu os sábios – a experiência – é imortal. Seu tempo não se localiza em demarcações ou oposições temporais tais como passado, presente e futuro. Seu tempo é o tempo finito da experiência que é também o tempo todo da vida – o tempo que importa. Esse tempo que é coisa da experiência e dos começos se apropria dos tempos. Na experiência da leitura nos apropriamos do passado e o atualizamos. São possibilidades de ser. A experiência, assim, chama o duque ao aprendizado da leitura. Não basta ler, é preciso aprender a ler. Exercício eterno.

A partir do sentido aludido para a compreensão da autoridade, podemos dizer que o duque pertence ao artesão-experiência, e não o contrário. Por mais útil ou necessário que seja algo dado e o resultado de uma produção, como uma estátua, um carro ou um livro, estes permanecem vazios e sem sentido se não houver o artesão-produtor, o artesão-apreciador, o artesão-usuário, o artesão-leitor. Que será do livro sem o leitor? Que acontece com o leitor quando se detém em palavras mortas? Que será de alguém sem a experiência? Ninguém!? Não está a reivindicar o saber de outros, como sendo os seus e, por isso, encontra apenas o pó dos outros e de si? Não está ignorando a primazia da experiência? No sentido de um despertar para o princípio da experiência, podemos dizer que “o jugo é doce. Assim e só assim acontece criação, dá-se vida criadora enquanto exercício de liberdade”. (FOGEL, 2019, p. 80) É preciso que o duque descubra *como* a leitura é sangue, é vida, assim *como* os sábios escreveram com sangue. “Não é fácil compreender o sangue alheio; odeio todos os que lêem por desfastio”. (NIETZSCHE, 1981, p. 56)

A descoberta da autoridade da experiência como vida e criação traz como resultado a impossibilidade de ensiná-la com exatidão. Deveríamos nos surpreender?

4 O ENSINO DA EXPERIÊNCIA COMO APRENDIZADO

Nosso título, intencionalmente, inverteu as coisas. Se recorrermos ao que costumeiramente entendemos por ensino e aprendizado, de fato, surpreende-nos a afirmação do artesão de que não pode ensinar exatamente a seu filho como se fazem rodas. “Nem mesmo posso dizer a meu filho exatamente como é feito,/ E o meu filho não pode aprender de mim”. Em geral, também lamentamos a perda das técnicas do ofício quando da morte do mestre artesão. Com a morte de Miguelangelo, por exemplo, morreu uma maneira de esculpir que não pode ser exatamente retomada por seus discípulos. Mas, será que não estamos compreendendo as coisas de maneira

equivocada? Não há, de fato, nenhuma espécie de ensino e, conseqüentemente, de aprendizado?

O fato da arte não ser ensinável não nos deve surpreender. Não se trata de uma deficiência da arte, dela ainda não ter chegado a um amadurecimento suficiente capaz de disponibilizar suas leis internas para o ensino escolar ou acadêmico. Desejar o ensino da arte desta maneira, como normalmente se pensa, seria, em nosso contexto, desejar o retorno ao genérico, uniforme e impessoal. Mas, não é assim que o mestre artesão ensina, por exemplo, nas escolas de ofícios? Trata-se de uma aparência: o aprendiz repete exaustivamente as orientações do mestre, não para ser igual ao mestre, mas para encontrar seu próprio caminho. Repete sim, mas não para ser cópia de outrem. Repete, paradoxalmente, para ser diferente, para ser o outro de si mesmo. No entanto, prestemos sempre atenção no modo como se efetiva o ensino e o aprendizado em curso: há mando, há obediência, há escuta, há silêncio e, como num ensaio de orquestra, sintonia e harmonia.

É que o ofício (experiência) é o caminho rumo ao particular e único, não ao universal. Por isso, e a partir de seu próprio ser, a experiência é tão intransferível quanto a vida. O vivente não pode delegá-la a outro, um não pode experimentá-la por outro. Por certo, posso delegar a outrem o mecanismo que comanda a minha vida, posso pagar a alguém que faça algo por mim. Mas se trata de decisão minha, onde escolho não assumir eu mesmo minhas responsabilidades. De qualquer forma o âmbito do que é próprio é irremissível. O que o artesão pode ensinar ao filho não é a experiência. Uma pedagogia que insistisse neste método realizaria o contrário de seu projeto: retiraria do aprendiz toda gana pelo próprio, faria dele progressivamente um desenraizado de sua própria terra. Um alienado. O que é propriamente meu não é da ordem da generalidade. O que é ensinável – como normas comuns – não é da ordem do particular ou próprio ou essencial. É preciso, de fato, saltar para esta dimensão onde não existem nem professores nem alunos mas tão somente aprendizes. A decisão pelo próprio admite apenas amigos da experiência.

Mas o fato da experiência não ser ensinável não significa que seja inacessível. Se assim o fosse, não haveria nem a ousadia do artesão nem a escuta e o silêncio do duque. Não haveria nem experiência e nem vida como empreendimento inalienável. Então há um ensino e um aprendizado às avessas. Há algo de comum em jogo, mas não como universalidade genérica. É sempre a mesma experiência sendo, diversa. Cada um pode compreender a experiência em sua unicidade, à medida que se põe a caminho. O saber que aqui se destaca, como visto, é o da compreensão em oposição ao entendimento. O duque e o artesão se compreendem. A compreensão lida com o salto, com a diferença, com o próprio. Por isso compreender tem o aspecto de uma problematização. Seu método não é o da resolução de problemas – como na matemática e nas pesquisas em geral – mas o de “aventurar-se”. O problematizado cresce em sua gravidade e complexidade, torna-se questão diversa. Algo para toda a vida, como diz o fabricante de rodas. É por isso que compreender abarca um saber que não pode ser explicado dedutivamente mas, antes, captado ou intuído. Quem compreende é surpreendido pelo fenômeno. Quando o artesão se põe a explicar – saber de experiência – chama a atenção, adverte, manda como um mestre. Deve-se

saber como se faz! O afazer é insubstituível. E isto, saber como se faz, se alcança fazendo, empenhando-se, testando. Não ensina, a rigor, nada de objetivo ou subjetivo, mas aponta, indica, orienta, ordena. Faça! Quem é mestre (aprendiz), então, também aprende a esperar. Pois pertence a seu afazer aguardar. Aprender é esperar e amadurecer conjuntamente, porque a experiência é a mestra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS EXPERIÊNCIA E FILOSOFIA

O artesão não pode ensinar porque experimentar é aprender. Quem aprende obedece e segue a lei interna de uma coisa. A coisa em exercício manda. Isto não pode ser ensinado a outro, pois equivaleria a uma retirada de seu ser. O artesão *fala* a partir da *autoridade da experiência*. Esta autoridade detém um saber, saber que nasce a partir do exercício. O saber detém acuidade própria que é, para nós, de caráter revelador ou descobridor. Será que o ponto de vista do artesão também não poderia nos dizer algo acerca da essência da filosofia? Ou melhor: a experiência também não fala da e como filosofia? Sempre associamos o pensamento à teoria, ao conhecimento de certas razões, causas e princípios. E nos damos por satisfeitos. No entanto, aqui, trata-se de uma espécie de teoria que se mostra essencialmente como experiência de revelação das coisas em seu ser e não como planejamento do que as coisas devam ser.

O pensamento aqui reclamado não se confunde com o conjunto das atividades intelectuais tradicionais, tais como raciocinar, imaginar, abstrair, debater, etc., embora não possa delas prescindir. O que o caracteriza é o seu modo de ser: não simplesmente pensar segundo uma direção pré-estabelecida, ora mais ora menos teórica ou prática, mas concentrar-se no pensamento como possibilidade de orientação prévia, ou seja, em como ou de que maneira ou sob que pressupostos a realidade dada se manifestou. Mesmo o impensável pode ser assim apresentado, segundo os limites e possibilidades do pensamento, o que a cada vez exige um acurado exame. Pertence à sua metodologia, então, a provocação constante, indagando a quantas andam as coisas. Não há exagero nesta postura? Mas como despertar do sono de alguma razão senão questionando-a? Pensando, visamos à compreensão da paisagem de sentido dentro da qual já nos movimentamos de modo teórico e prático. Conseqüentemente, um determinado *modo de pensar* (o científico ou histórico, o prático ou teórico ou espiritual, etc.), se converte em *questão* imediata de investigação. Então, não mais como objeto a ser clarificado e atualizado para fins determinados. Mas como uma pergunta acerca de seu sentido de ser. A questão pela ciência, ou pela história, etc., não pode ser simplesmente respondida como e pelas ciências especializadas. O ser, o alcance, as possibilidades e limites de uma teoria ou de uma prática determinadas não pode ser respondido ou examinado rigorosamente dentro de seu próprio espaço de articulação. É que, em última instância, o sentido que os move lhes escapa, porque os transcende. Desta atitude intelectual requisitada nos fala H. Harada:

É importante perceber porém que faz uma diferença enorme na *prática* de uma formação possuir uma intuição teórica que capta diferenças de níveis das dimensões e suas lógicas ou não possuir nada disso e operar apenas em conceituações vagas, esquecidas da questão de sua fundamentação e sua pré-compreensão. Acentuar a afetividade contra o intelecto pode ser até muito prático em certas situações ocasionais. Mas quando se trata de uma trabalho de formação, sério e engajado, o grande problema na práxis não é a prática. É *a teoria da teoria e prática*⁴ que comanda a impositação prática de um formador. (HARADA, 2009, p. 119)

O essencial da formação é certa teoria de toda teoria e prática. Tornar visível a vida como experiência exige teoria própria. Sem essa teoria não podemos compreender a possibilidade de ensino e de aprendizado de toda experiência e, sobretudo, o sentido da impossibilidade de seu aprendizado, já indicado quando aludimos ao caminho próprio e intransferível. Toda racionalidade e toda praticidade, por mais engajadas e eficientes que sejam em suas áreas de atuação, permanecem escravas de seus procedimentos, dotadas de cegueira e confusão peculiares, caso não conquistem uma compreensão não especializada de seu ser.

De que espécie é esta teoria? Equivale a alguma teoria superior e universal, a exemplo do que se tornaram as teorias da informação para todo o sistema das ciências positivadas? De forma alguma. A teoria visada não se confunde com uma meta-teoria. Ela não objetiva nenhuma avaliação funcional ou estratégica para um melhor desempenho das teorias e práticas mais diversas; não é teoria que aprimora a prática nem prática que pede melhor teoria. Como dito, a compreensão da vida a desvela como esforço, empenho, ensaio. A vida se torna visível em sua estrutura que, por seu próprio ser, tem caráter de retração. A teoria visada tem “especial” atenção para o que se oculta em tudo que se mostra. Afinal, a presença desta ausência tem magnetismo peculiar, tal como a fome que por nunca ser completamente saciada, move ou exercita o vivente.

Há um saber que autoriza o artesão a dirigir-se ao duque, inquiri-lo e mesmo criticá-lo. Como não é da ordem da erudição, podemos dizer que carece de conteúdo e, portanto, resiste a uma determinação usual. Já denominamos a visão sintonizada com a experiência de compreensão que é, igualmente, problematização. Ali o saber cresce conjuntamente. Em seu exercício, o pensamento converte-se em problema para si mesmo, o que, para nós, equivale a um aumento de seu vigor de ser. Vemos esta desafiadora situação da filosofia nas páginas *De estudo, anotações obsoletas* de Harada. O autor refere-se à filosofia como não tendo, propriamente, conteúdo; como sendo experiência da pobreza de saber; como não saber; como uma atividade de retração diante de toda posição, e que, por assim ser – finita – provoca o ser humano. (Cf. HARADA, 2009, p. 91-94)

Por fim, esta compreensão da essência da filosofia como experiência não conteudista da mesma remete a uma teoria, a uma visão singular das coisas, que as

⁴ Grifo nosso.

acompanha não se confundindo com suas aparências ou resultados. É saber prévio, saber de experiência e a partir da experiência, saber que remete à singular *posição* humana no mundo. Enquanto exercício esta teoria desnuda a realidade, torna visível toda “teoria” em seus planejamentos, projetos e fundamentos, bem como toda “prática” em suas execuções e funcionalidades. Uma teoria de toda teoria e prática que, a bem dizer, tem tanto de céu quanto de terra. Um aceno acerca desta unidade presente na experiência e que a experiência da filosofia tem como fito seu, vemos na poesia de Fernando Pessoa (Ricardo Reis), com a qual concluímos.

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.
(PESSOA, 1980, p.189)

REFERÊNCIAS

- FOGEL, Gilvan. *Sobre homem e história*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.
- HARADA, Hermógenes, OFM. *De estudo, anotações obsoletas – a busca da identidade humana e franciscana*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: USF; Curitiba: Instituto de Filosofia São Boaventura, 2009.
- _____. *Da fidelidade do pensamento. Fragmentos de um diário*. Porto Alegre: Ed. Evangraf, 2018.
- _____. *De como estudar*. Apostila. Petrópolis: Instituto Teológico, 1974.
- _____. Da experiência. In: *Coisas, velhas e novas*. À margem da espiritualidade franciscana. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco; Instituto Franciscano de Antropologia, 2006, p. 42-60.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MERTON, Thomas. *A via de Chuang Tzu*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1969, p. 108-110.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Adão no paraíso e outros ensaios de estética*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *O homem e os outros*. Campinas: Vide Editorial, 2017.
- PESSOA, Fernando. O Eu profundo e os outros Eus: seleção poética. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- ROMBACH, Heirich. *Unicidade (Einzigkeit)*. In: Der kommende Gott. Hermetik – eine neue Weltsicht. Freiburg: Rombach Verlag, 1991, p. 142-145; trad. de Enio P. Giachini. In: *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, vol. 3, n.1, jan./junho de 2010.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O pequeno príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2015.

Submetido: 10 de janeiro de 2021

Aceito: 8 de fevereiro de 2021